

Estudando: Técnicas de Vendas

História das Vendas no Varejo

A atividade de comércio tem mais de 3.000 anos, tendo passado pelos sumérios, fenícios, etruscos e outros povos do antigo Oriente e da região do Mediterrâneo.

Mercadores cruzavam mares e terras com mercadorias para vender ou para trocar e enfrentavam, muitas vezes, piratas e salteadores perigosos.

Entretanto, ao falarmos de varejo, nos referimos à venda feita em um local fixo, onde o comerciante organiza e expõe seus produtos para serem vistos e comprados por clientes que vão ao local com essa finalidade. E isso também é bastante antigo.

Imagine que, na antiga Grécia, por volta de 700 a.C., já havia mercadores de estátuas de deuses, perfumes, óleos e essências que dispunham de um local próprio para essa finalidade: o mercado. O mercado era o local em que os mercadores recebiam as pessoas para negociar.

Era ao mercado que os antigos pensadores, como Diógenes, Zenon, Epicuro, Sócrates e outros, iam para expor publicamente as suas ideias. Sabe por quê?

Porque o mercado era, ao mesmo tempo, centro de cultura, comércio e saber.



No auge do Império Romano, o comércio local vendia uma inacreditável variedade de produtos para os milhares de habitantes de Roma. Esses locais de venda já eram bastante semelhantes ao que seria um estabelecimento varejista. Os hábeis mercadores do Oriente faziam questão de que seus clientes chegassem bem perto dos produtos à venda para aumentar seu desejo de possuí-los.

Comerciantes fenícios, macedônios, etruscos, cartagineses e outros estimulavam os clientes a tocar os ricos tapetes vindos do Oriente Médio e o algodão egípcio, a experimentar lascas de presunto curado na Ibéria, a provar azeites da Sicília, vinhos da Gália ou queijos da Córsega.

Até brinquedos os cidadãos romanos compravam para seus filhos, geralmente feitos de madeira ou cerâmica.

Na Idade Média, o comércio se intensificou por meio das rotas marítimas, porque as viagens por terra passaram a enfrentar dois riscos maiores que os piratas marítimos: as hordas e as doenças, como a famosa peste negra que matou um terço da população do continente europeu.

Em galeões ou caravelas, eram transportados vinhos, azeitona, frutas e sal produzidos pelos países quentes do Mediterrâneo. Também eram levados artigos de luxo do Oriente, como seda, joias e especiarias utilizadas na conservação de alimentos.

Dos portos, as mercadorias entravam por terra e eram levadas às cidades.

Nesses caminhos, os comerciantes descobriram que os cruzamentos das estradas eram ideais para o comércio, já que por eles passavam inúmeros viajantes. Desse hábito surgiram as feiras, concentrações de vários comerciantes que vendiam seus produtos.

Para se protegerem de salteadores, se organizavam em grupos, tanto para suas viagens como para montar as feiras que, por sua vez, deram origem às associações de classe.

Durante o Renascimento e a Idade Moderna, com o crescimento dos burgos – cidades que se desenvolveram em torno dos castelos feudais o aumento da população e o desenvolvimento de manufaturas, o comércio entrou em nova fase, e os habitantes passaram a ter uma variedade maior de opções de compra. Época das grandes navegações, de novas rotas marítimas, do fim do feudalismo e de novos modelos comerciais. Nesse período, em 21 de abril de 1500, começou a história do Brasil e também a história do nosso comércio.

No Brasil, no começo do século XVI e do século XVII, o comércio era, em quase sua totalidade, ambulante. Excetuando-se São Vicente e Olinda, quase não existiam núcleos urbanos razoáveis onde um comércio de varejo pudesse se fixar. Havia uma ou outra venda em pequenos povoados e um estoque precário de mercadorias grosseiras e poucos gêneros alimentícios para atender a escassas populações rurais.

Do ponto de vista empresarial, as vendas em Recife (possuíam pequenas dimensões e, provavelmente, poucas mercadorias para oferecer. Isso é um bom exemplo de como era o nosso varejo no início do século XIX. O Rio de Janeiro e algumas poucas cidades tinham comércios semelhantes ou timidamente melhores.

Somente no Segundo Reinado, em 1850, surgiu o Código Comercial, demonstrando que, nessa época, as relações entre a produção agrícola, a atividade mercantil e a atividade fabril já eram complexas o suficiente para exigir uma regulamentação.

Entre meados do século XIX e os primeiros anos do século XX, o varejo brasileiro, aos poucos, se especializou. Os estabelecimentos comerciais passaram a ser designados não mais vendas mas peixaria, frutaria, mercearia, empório, padaria, quitanda, bazar, açougue, armazém e outros.